

Biblioteca Municipal do Horto, com seus mais de 30 mil títulos, desperta a sede de leitura em todas as idades

DE MATADOURO *de bois à* biblioteca municipal

Aliny Mary Dias

Quando os bois eram sacrificados e o couro salgado, isso em 1912, os moradores não imaginavam que aquele grande matadouro um dia seria o Parque Municipal de Campo Grande, hoje conhecido como Horto Florestal. A transformação do lugar, que exalava o mau cheiro do couro, para um ambiente que cultivava fauna, flora e cultura levou 100 anos. Em meio ao ambiente úmido e os tijolos característicos que protegem o parque, está a Biblioteca Pública Municipal repleta de livros à disposição daqueles que cultivam o hábito da leitura.

A biblioteca Anna Luiza Prado Bastos está no Horto Florestal desde 1995, mas sua criação é mais antiga. Ela foi fundada em novembro de 1932 por um médico apaixonado pelos livros, em 1940, o acervo foi doado à Prefeitura de Campo Grande e se tornou público. Hoje com um acervo de 30 mil livros, incluindo títulos que foram lançados recentemente, a biblioteca é aberta ao público campo-grandense e carrega entre as estantes histórias de pessoas que consideram o espaço a segunda casa.

O aposentado Antônio Nicolau Filho de 71 anos adora ler, ele frequenta a biblioteca municipal há 5 anos, todos os dias religiosamente. Antônio considera as funcionárias como irmã e o espaço como casa. "Aqui temos uma tranquilidade e uma segurança muito grande. Venho todos os dias para fazer leitura de livros, jornais e revistas. Essa biblioteca me fez criar o hábito de ler", conta.

Antônio mora perto do Horto Florestal e faz sua caminhada diária em direção à biblioteca. Quando ele chega à porta, os funcionários o reconhecem e ficam felizes em ver o visitante mais freqüente do lugar. "A leitura é uma higiene mental para mim. Ela limpa minha mente, me engrandece porque aprendo novas coisas e ela me desperta porque descubro coisas novas todos os dias", completa o aposentado.

O procedimento para emprestar



Foto: Aliny Mary Dias

Livros - De tanto frequentar o lugar, Antônio Nicolau, apaixonado por leitura, já é inclusive reconhecido pelos funcionários do local

obras da biblioteca é simples. A pessoa faz um cadastro, paga uma taxa anual de R\$ 20 ou R\$ 15 se for estudante e pode pegar quantos livros quiser. "É bastante simples, você pode pegar um livro e ficar 15 dias com ele, se precisar mais tempo, pode renovar por mais 15 dias", explica Elisabeth de Oliveira, de 45 anos, funcionária da biblioteca municipal.

Todo acervo da biblioteca é composto por livros de literatura divididos em diversos gêneros. Para quem gosta de títulos religiosos, romances, ficção ou policial as obras são um prato cheio. A bibliotecária responsável pelo espaço, Tatiane Iseki, explica que um projeto criado em 2009 traz lançamentos de livros para a biblioteca todo mês.

"O projeto Estante de Lançamentos foi criado pela gente com objetivo de atrair mais gente para a biblioteca. Adquirimos

livros jovens para incentivar principalmente a leitura dos jovens. Com esse projeto houve grande aumento de leitores", completa Tatiane.

Futuro

Outro projeto que trouxe sangue novo ao espaço de leitura foi a visita de escolas públicas à biblioteca. Todo mês professores levam turmas da educação infantil e fundamental para passar um dia no espaço. As crianças ganham lêem gibis, livros infantis ou qualquer outro livro que quiserem. Ao final da visita ganham até lembrancinha dos funcionários.

A aproximação das crianças com os livros traz esperança aos apaixonados pela literatura que enxergam nas páginas um futuro melhor para a cidade. "Antes as crianças e os jovens liam por obrigação, agora estamos vendo que eles estão

lendo por prazer. Isso é algo maravilhoso para nós", diz a bibliotecária.

Biblioteca

Em março deste ano a biblioteca municipal completou 72 anos com um acervo invejável e uma grande freqüência de campo-grandenses. Para os funcionários do lugar e amantes da leitura, o objetivo é que a biblioteca comemore os 200 anos do Horto Florestal com muitos leitores. "A leitura é uma coisa excelente para qualquer pessoa, muda a nossa vida e nos faz acreditar em um futuro melhor", diz Antônio Nicolau.

O espaço funciona de segunda à sábado. Na segunda-feira o horário é das 9h às 18h, de terça a sexta das 07h30 às 18h. Aos sábados a biblioteca fica aberta das 8h ao meio dia. Mais informações podem ser obtidas no telefone 33143209.

JORNALISMO CULTURAL

Outro lado da notícia

Cansado estão os olhos de baterem nos jornais impressos diários e se depararem com tragédias e dramas sociais que se impregnaram no nosso subconsciente como algo que faz parte do nosso dia-a-dia. Aí é que está a beleza do jornal-laboratório.

Damos uma piscada sobre um outro lado da sociedade. Procuramos a arte, a música, o teatro, a cultura, temas distantes do que estamos habituados a ver na mídia. Nosso Estado é rico em tudo isso. As artes manuais que ainda sobrevivem, a música alternativa que consegue se sobressair e se destacar na terra do sertanejo, o tererê que faz parte do nosso cotidiano e está enraizado na cultura tradicional de Mato Grosso do Sul. Quando vai ser possível fazer tudo isso novamente, e não ficarmos limitados a uma ou duas páginas de um Caderno B ou a uma publicação online envolta por assuntos mais “interessantes”?

Como despedida do meio acadêmico, formandos do curso de Jornalismo da UCDB se focaram nesta sua última edição de um impresso laboratorial, já com o pé no mercado de trabalho, e procuraram pelas particularidades mais conhecidas ou nem sequer cogitadas existentes em nosso contexto.

Nas próximas páginas você (se nos permite tal intimidade) vai degustar de um jornal inteiro sobre artes e cultura, que talvez o faça olhar de uma outra maneira tudo o que aparentemente é o lugar que vivemos.

Boa leitura!

Música

Depois de anos tocando como Covers em bares da Capital, amigos se unem e criam banda

Em terra de sertanejo

Rock ganha espaço

Júlia Aguiar

Arthur, Jenner, Matheus, Ruivo e Yev esses são os nomes dos ‘malucos’ que querem mostrar que em terra de sertanejo o rock também tem seu espaço. A ideia de criar uma banda de rock surgiu depois de muitos anos tocando covers musicais pelos bares de Campo Grande. Com a finalidade de mostrar suas próprias composições e crescer no cenário musical, esses meninos criaram a banda Bella Xu. Uma banda com nome de mulher, por que como eles dizem “o intuito é pegar mulher”.

A iniciativa de criar esse projeto surgiu no começo de 2011 e partiu do vocalista da banda, Jenner que chamou seus parceiros da antiga banda Arthur e Yev, mostrou suas ideias e objetivos e logo os meninos toparam. Durante dois meses eles se reuniram na casa de um amigo para prosseguir com esse projeto. Na época Jenner era o vocalista e o guitarrista da banda, mas como Jenner gosta mesmo é de cantar ele desistiu da guitarra, e foi nesse momento que surgiu a ideia de chamar o Matheus. E nas reuniões foram surgindo arranjos novos, composições novas. Em junho de 2011 este novo projeto ainda não tinha nome e nem baterista. Para o nome da banda esses meninos queriam brincar, colocar nome de gente, e por que não o nome de uma menina bonita, que todos eles eram amigos? Foi aí que veio a ideia da Bella Xu.

Em dezembro eles já estavam com tudo pronto para o lançamento da banda, e em janeiro de 2012 eles lançaram, com música nova, site novo, fotos novas e propostas novas. E foi em um dos shows pela cidade que Ruivo ouviu esses meninos tocarem e na hora se identificou e entrou em contato para se tor-



Foto: Arquivo Bella Xu

Alternativa - Bella Xu prova que Mato Grosso do Sul pode ser terra de Rock

nar o baterista da banda Bella Xu. Agora a banda estava formada, bateria, baixo, guitarra violão e voz. Com o sucesso dos shows da banda, veio à ideia de gravar um clipe de uma das músicas que eles mesmos escreveram e assim foi gravado o clipe “Rose” no 21 Bar e Lazer, que foi o local onde tudo começou e onde a conectividade com o público era extraordinária.

Para cantar os covers eles sugam a música e a deixam o mais parecido com o original. No que se refere às composições da banda é possível perceber que os meninos possuem um estilo único e original.

Ideia

Com ideias de ir além, a banda decidiu produzir mais. E foi em Junho de 2012 que veio a hipótese de um DVD. Ficar um mês fora do alcance, compondo e gravando. Em Julho a ideia não era mais uma hipótese. “Foi incrível, uma experiência única” comenta Jenner. De acordo com o músico, o contato com a natureza contribuiu para que produzis-

sem as oito letras inéditas.

Já com composições próprias, um DVD e empresários renomados como o Bolha baterista do Michel Teló e Bruninho da dupla Bruninho e Davi esses meninos não sonham baixo, querem shows por todo o Brasil, querem fã clubes, querem Rock in Rio.

Devagar e sempre. “Há nove meses, nós não tínhamos nada, e hoje temos um DVD que foi filmado com câmeras de cinema, com produção profissional e com o Brasil inteiro olhando para Campo Grande por causa do movimento sertanejo, as nossas chances de explodir são enormes. Estamos no lugar certo e na hora certa,” explica o baixista Yev.



Foto: Arquivo Bella Xu

Canção - Som agrada fãs do grupo

Cotidiano

Mesmo com origens antigas e sem apelos do séc. XXI, crochê se reiventa e torna-se peça fundamental de decoração

Arte do crochê RESISTE ao tempo

Laine Paixão

Acredita-se que o crochê tenha sido criado de técnicas da Arábia, América do Sul ou China e que suas primeiras peças tenham sido feitas com os dedos. Mas foi durante o século XIX na Europa que o crochê teve sua maior popularidade e a partir daí passou a ser conhecido e utilizado no mundo todo.

O costume dessa arte sempre passou por altos e baixos, mas sempre retorna com artefatos ainda mais inovadores. Antigamente utilizada para vestimenta, atualmente para decorações incríveis de design. As capas de utensílios domésticos foram deixadas de lado, mas em toda casa que se entra é impossível não ver ao menos um tapete dessa arte tão bonita que é o crochê.

Trata-se de uma cultura feminina e coletiva, aonde uma pessoa vai ensinando para outra ou aprendendo algo novo. Se não se pode repassar pessoalmente cria-se um blog na internet, grava um vídeo ou até mesmo monta uma revista inteira com os modelos



Foto: Laine Paixão

Sustento - Dona de casa complementa renda com venda do crochê

novos já criados. Os cursos presenciais ainda estão presente, pagos ou voluntários.

O fato é que quem aprende essa técnica, além de aprender um passa tempo estimulador ain-

da tem a vantagem de decorar sua casa e a oportunidade de ganhar um dinheiro extra com a venda dos modelos.

Lucelha Sanches tem 40 anos e a seis vive somente da venda de crochê, isso porque ela teve um problema de saúde quando ainda morava no Pará, ela veio para Campo Grande para fazer seu tratamento e não pode mais trabalhar fora de casa. Lucelha fazia os modelos deitada, começou vendendo em casa e atualmente conseguiu um espaço na feira do artesanato para vender sua mercadoria. “Pra fazer o crochê eu me propus a passar roupa da casa de uma senhora, escondida da minha mãe, um dia eu queimei a camisola da mulher e nunca mais voltei lá, mais aí eu já tinha aprendido.” Relembra ela um pouco da sua história.

Há dois anos ela fez um curso de crochê onde obteve seu diploma, recentemente Lucelha leciona aulas em um projeto social aos sábados, mas não tem muitos alunos e reclama da falta de interesse das pessoas. Elena Manuela, 43 anos e também re-

conhece que essa geração já não quer mais aprender coisas como crochê, tricô e bordados.

Ela sempre trabalhou como empregada doméstica, por conta disso aprendeu o crochê olhando sua patroa fazer, aos dez anos de idade. Nas horas vagas Elena fazia cursos de pintura em tecido e vidro, há um mês ela decidiu juntar as duas práticas e vender. Confiante na decisão que tomou ela afirma, “Eu acho que agente tem que dar uma chance pra nós mesmos e investir no que sabe fazer, se você aprendeu a fazer porque que vai deixar de lado? Tem que tentar, por em prática o pensamento.” Elena ainda não deixou de trabalhar em casa de família, mas acredita que esse dinheiro extra que está ganhando futuramente pode ser muito.

Sarau promovido pela Fundação de Cultura revela artistas campo-grandenses

Gabriel Gomes

Manifestação com várias artes juntas pode se chamar de sarau, em Campo Grande a população vem tendo mais oportunidades de conhecer esse tipo de evento, em um sarau o visitante encontra vários artistas de diferentes artes que expõe e apresenta seus trabalhos, desde artistas plásticos, artistas visuais, músicos, poetas, dançarinos, atores e escritores.

A Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) promove o Sarau Cultural todas as primeiras terças-feiras do mês, das 19h às 21h, e acontece no centro Cultural José Octávio Guizzo, a entrada é gratuita, a

20ª edição do Sarau que aconteceu em setembro do ano passado e, de lá pra cá, outras edições já foram desenvolvidas.

O artista plástico Luciano Alonso, 35 anos, professor de desenho artístico e pintura em tela nas oficinas de arte do Horto Florestal há 14 anos, vê no sarau a oportunidade de mostrar seu trabalho para pessoas que realmente se interessam por sua arte. “O sarau é uma vida social, através dele nós criamos nossos círculos de amigos e de colegas profissionais, a importância dele está na interação dos artistas e na exposição da arte”. Na 20ª edição do sarau Luciano expôs desenhos em grafite realistas e alguns textos de sua au-

toria.

Para a professora de literatura, Clara Longhi, 64 anos, a cultura exposta nos saraus ou em qualquer outra manifestação cultural, eleva o ser humano fazendo com que ele comece a enxergar o mundo de modo mais bondoso. “As expressões artísticas nos saraus são diversas, então em um evento desse tipo a pessoa pode sair completa, feliz com a música que escutou, pensativa com o poema que leu e esperanças com o desenho que viu”. Professora a mais de 30 anos Clara escreve poemas e publica em seu Blog, tem a esperança de um dia poder publicar um livro com seus poemas modernos.



Foto: Gabriel Gomes

Oportunidade - Sarau lança artistas para o meio artístico

EXPEDIENTE



Em Foco – Jornal laboratório do curso de Jornalismo da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB)

Ano XI - nº 155 – abril de 2013 - Tiragem 3.000

Obs.: As matérias publicadas neste veículo de comunicação não representam o pensamento da Instituição e são de responsabilidade de seus autores.

Chanceler: Pa. Lauro Takaki Shinohara

Reitor: Pa. José Martinoni

Pró-reitoria de Ensino e Desenvolvimento: Conceição Aparecida Butera

Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação: Hemerson Pistori

Pró-reitoria Extensão e Assuntos Comunitários: Luciane Pinho de

Almeida

Pró-reitoria de Pastoral: Ir. Gilliano Jose Mazzetto de Castro

Pró-reitoria de Administração: Ir. Altair Monteiro da Silva

Coordenador do curso de Jornalismo: Oswaldo Ribeiro da Silva

Jornalistas responsáveis: Jacir Alfonso Zanatta DRT-MS 108, Cristina Ramos DRT-MS 158

Revisão: Thiago Frison e Yashmin da Oliveira

Edição: Jacir Zanatta

Repórteres: Aliny Mary Dias, Gabriel Gomes, Guilherme Fornari, Jéssica Galvão, Jr. Cordeiros, Júlia Aguiar, Karla Machado e Laine Paixão

Projeto Gráfico: Designer - Maria Helena Benites

Diagramação: Jacir Zanatta

Tratamento das Imagens: Maria Helena Benites

Impressão: Jornal A Crítica

Em Foco - Av. Tamandaré, 6000 B. Jardim Seminário, Campo Grande – MS. Cep: 79117900 – Caixa Postal: 100 - Tel: (067) 3312-3735

EmFoco On-line: www.emfoco.com.br

E-mail: pauta@ucdb.br emfoco.online@yahoo.com.br

Promovido pela Fundação de Cultura, o "MS Canta Brasil" vem dando espaço aos artistas locais e nacionais

Festival celebra música nacional

Jéssica Galvão

Realizado pelo governo do Estado e executado pela Fundação de Cultura de Mato Grosso do Sul (FCMS) em cinco edições ao longo do ano na Grande Arena do Parque das Nações Indígenas, em Campo Grande, o MS Canta Brasil tem como objetivo homenagear os Estados brasileiros por meio da música, promovendo a integração de artistas regionais com consagrados nomes da música nacional.

O MS Canta Brasil foi lançado em outubro de 2007, aproveitando o mês de comemoração da divisão do Estado. Desde seu lançamento já se apresentaram no evento cerca de 30 artistas nacionais sempre acompanhados de nomes da música regional, entre eles o sul-mato-grossense Vinil Moraes e a banda paulista Charlie Brown Junior que levaram ao show 100 mil pessoas, quebrando todos os recordes de público. A presença do público é marcante no MS Canta Brasil: mais de



Foto: Rachid Waqued-FCMS

Recorde - Um dos maiores eventos do Estado, o "MS Canta Brasil" chegou a reunir 100 mil pessoas no show do grupo Charlie Brown Junior

um milhão e meio de pessoas já prestigiaram o evento, que traz grandes nomes da música nacional para a Capital Morena. A receita simples do projeto agrada o público que lota o Parque encantando todos os artistas que

passam por aqui.

Dentre seus objetivos o projeto também visa à diversão sem gasto da população campograndense, os shows que são sempre realizados no domingo possuem entrada fran-

ca. "O fato de ser gratuito ajuda sim no aumento do público e conseqüentemente o sucesso, acredito que se fosse cobrado, várias pessoas que não tem condições, não teriam um lazer tão benéfico como este, o contato com a música boa, independente do gênero", afirma Tainara Soares, freqüentadora assídua do MS Canta Brasil.

Para Yev Aguiar, que participou do evento em 2011 com a Banda Delay para abrir o show dos Engenheiros do Hawaii, o evento é uma grande oportunidade para os músicos do Estado. "Saber que artistas nacionais estão ali assistindo nosso show e ver o público curtindo é muito gratificante, é uma grande experiência".

Os elogios sobre o projeto vêm de toda parte, durante suas passagens pela cidade e pelos palcos do MS Canta Brasil, vários artistas já deixaram seus recados sobre a importância de

um evento como esse, criado em Campo Grande. "Este projeto é muito importante para o público sul-mato-grossense. Ele traz para vocês (apontando para o público), músicas que dificilmente se ouve em shows, principalmente nos gratuitos" afirmou o violonista Marcelo Loureiro.

Guga Borba, ex-integrante do Filho dos Livres, afirmou que o evento é uma grande vitrine do trabalho para qualquer músico. "Não é apenas o público que vem ao parque que vê nosso trabalho, os artistas nacionais curtem também nossos shows. É uma troca muito boa de experiências". Rogério Flausino, da banda mineira Jota Quest valorizou o projeto dizendo como é importante para os artistas regionais. "Nós já passamos por isso. Abrimos vários shows no começo de nossa carreira e sabemos da importância disso para o artista".



Foto: Rachid Waqued-FCMS

Festival - Evento da Fundação da Cultura atrai públicos cada vez maiores e atrações diversificadas



Foto: Arquivo



Foto: Daniel Amaral

Costume - Mudanças na estrutura e melhorias na pintura e iluminação tornam o prédio mais moderno e confortável, facilitando o acesso e ampliando o número de vagas

Tradição

Mercado Municipal nasceu de uma feira livre realizada no local onde atualmente está construído o estacionamento

MERCADÃO: ponto de encontro e história

Guilherme Fornari

Campograndense de verdade já frequentou o Mercado Municipal Antonio Valente, o Mercadão de Campo Grande, que completou 54 anos em agosto do ano passado. A comercialização desde ervas medicinais, passando por queijos, doces, artesanato, bebidas típicas, frutas, legumes, verduras, carnes, peixes, pasteis, salgados, sucos, entre outros produtos, chama atenção dos cidadãos que buscam alternativa de preços e boa qualidade em produtos.

O local é um dos mais tradicionais pontos comerciais e turísticos da cidade. Por dia, o centro comercial recebe em média três mil e quinhentas pessoas. O Mercadão nasceu a partir de uma feira livre que era realizada na área onde hoje está localizado o seu estacionamento. O terreno para a construção do centro comercial foi doado a prefeitura por um dos feirantes, Antonio Valente, que como homenagem acabou dando nome ao prédio.

As obras de construção do prédio começaram em 1958 e o espaço foi entregue aos comerciantes um ano depois. No começo eram vendidas no Mercadão frutas, verduras, legumes e carnes, mas com o passar do tempo os comerciantes começaram a diversificar a oferta de produtos. Hoje são 144 bancas e 77 boxes, incluindo as barracas dos famosos pastéis, que vendem em média 800 produtos por dia. O que mais chama a atenção é a diversidade das

massas e recheios. Os consumidores são atraídos pelos pastéis com recheio de carne de jacaré.

João Paulo Amaral, 21 anos é estudante de medicina e vem sempre que pode ao mercado municipal para provar um pastelinho. "Gosto muito do pastel de goiabada com queijo. Particularmente procuro vir sempre que posso ao mercadão, afinal de contas é um ambiente gostoso, natural. Aqui eu encontro tudo que procuro. Desde erva até bomba para tereré", ressalta.

Em 2006, o Mercadão passou pela sua primeira grande reforma. O prédio ganhou calçamento novo, pintura, ilu-

minação especial e as vagas de estacionamento foram ampliadas. A prefeitura junto com a Associmec estuda dois projetos para a revitalização e a ampliação do centro comercial. Um, vertical, com a construção de um mezanino, e o outro, horizontal, com a edificação englobando até mesmo a praça que está localizada em frente ao prédio.

"Em outubro foi iniciada a revitalização do mercadão. A obra, orçada em 800 mil reais foi realizada com recursos federais. A primeira etapa que incluiu a reforma do piso, nova cobertura, parte elétrica, para-raio e hidrantes durou cerca de 15 dias. A segunda está prevista para

ser iniciada este ano e prevê a instalação de uma praça de alimentação", resume o presidente do Mercado, Ronaldo Kanashiro Dalem.

Ronaldo tem 41 anos e trabalha há quinze no Mercado Municipal com um box de venda de carnes. Na verdade o local já pertenceu a outras duas gerações da família que comercializava apenas verduras. "Mercadão é algo simples de se fazer. Eu convivo com este ambiente desde a minha infância. É uma rotina tranquila de pleno domínio pois não possui muitos segredos, até por que o maior desafio de qualquer comerciante é de realização comercial e quanto à isso, nossa capital tem muito prestígio ao Mercado Municipal por isso as vendas são muito boas", finaliza o empresário.

Outro empresário que se sente em casa é Cléuber Linaris. Ele tem 36 anos e é dono da peixaria mais famosa de Campo Grande: a Peixaria do Mercadão. Quando a pergunta resume o sentimento em trabalhar no local, a resposta é convicta e animadora "eu trabalho com o meu pai desde criança. A gente praticamente foi criado aqui no mercadão e não consigo mais ficar longe deste lugar. Alguns dias longe e fico mal. Me dedico a maior parte do dia a uma outra empresa que administro, mas ainda sim, passo duas ou três vezes por dia aqui no mercadão".



Foto: Daniel Amaral

Ampliação - Reformas e melhorias contribuem para melhorar atendimento ao público



Foto: Karla Machado

Cotidiano

Tereré resistiu como bebida da Guerra do Paraguai, e hoje se incorpora no dia-a-dia de todos que o experimenta

De mão em mão alimentando a tradição

Karla Machado

O Tereré ou “téres” popularmente conhecido, é uma bebida feita com a imersão da erva-mate que vem da origem Guaraní, data da invasão europeia por castelhanos e portugueses, quando era usado pelas tribos Guaraní, Nhandeva, Kaiowá, muito antes da Guerra do Paraguai e da Guerra do Chaco, quando as tropas começaram a beber mate frio para não acender fogos que denunciariam sua posição. Isso possivelmente na região de Ponta Porã, que na época pertencia ao Paraguai.

Essa excelente bebida é consumida diariamente com água gelada, sucos, hortelã, limão, refrigerante entre outros. A grafia vem do castelhano terere.

Enquanto que em português pode ser tanto tererê, como tereré dependendo da região do Brasil. No Mato Grosso e Mato Grosso do Sul se diz tereré, enquanto na região sul, por exemplo, o mais comum é tererê.

O acadêmico de Direito, Cássio Francisco Machado Neto, fala do costume de tomar tereré todos os dias. “Eu sou o típico sul-mato-grossense que não vive sem essa bebida. Tenho costume de tomar todos os dias assim que chego do serviço para relaxar. E com esse calor não tem bebida melhor para refrescar”, relata.

Quando ao ciclo da erva-mate no século XIX, o Paraguai se isola de outros países, proibindo a exportação de erva-mate para fora do país. Isto faz a Argentina e o Uruguai substituírem a erva-mate paraguaia pela brasileira, desenvolvendo o seu cultivo no Para-

ná, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul, regiões outrora despovoadas, é o chamado Ciclo da Erva-Mate.

Todo ciclo brasileiro da erva-mate do tereré teve início na cidade de Ponta Porã, que faz fronteira com Pedro Juan Cabellero, cidade paraguaia. Quando isso ocorreu Ponta Porã pertencia ao Paraguai, por essa razão Ponta Porã é considerada a capital do tereré fora do Paraguai, tanto que o símbolo da cidade é uma cuia de tereré e chimarrão.

O contador e paraguaio nato, Carlos Rodrigues, tem o costume de todas as manhãs tomar a bebida com remédios refrescantes como é tradição em seu país. “No Paraguai o tereré tem um sentido tradicional medicamentoso e até mesmo cerimonial, há pausa em todo o serviço para se consumir a bebida de manhã e a tarde”, disse.

O veterinário, Gustavo Machado Borges, consome o tereré por ser uma bebida estimulante. “Como trabalho pesado no campo durante todo o dia, tomando sol, chuva, gosto de tomar tereré, pois elimina a fadiga ativando minhas funções mentais”, fala.

Tradicionalmente, o recipiente usado para servir o tereré é a guampa, fabricado com parte de um chifre de bovino, com umas das extremidades lacrada com madeira ou couro de boi, e o seu exterior revestido por verniz. Usa-se também copos de alumínio, vidro, plástico ou canecas de louça. A bomba é utilizada para filtrar a infusão do tereré, para que não se absorva o pó da erva triturada.

Então nada melhor que em uma tarde quente se reunir com os amigos para uma roda de tereré compartilhando da mesma guampa e bomba e o melhor de tudo dar boas risadas.

Arte

Palco de exposições agropecuárias e festas típicas, Estado agrega música alternativa, teatro e dança em sua cultura

Cultura do Estado de cara NOVA

Jr Cordeiros

A cultura Sul-mato-grossense é palco de muitas tradições, entre exposições de agronegócio, festas típicas, e os grandes músicos do sertanejo universitário que surgem no Estado. Entre tantas atrações, uma delas vem se fixando na raiz e nos moldes culturais de Mato Grosso do Sul, são os grandes festivais de dança, teatro e música cada vez mais presentes nos palcos.

Festivais como: Dança Campo Grande, MS Street Dance, Circuito Dança do Mato, Bienal de Teatro, Festival América Latina, Festival de Bonito, MS Canta Brasil, Som da Concha, Festival Universitário de Audiovisual, Festival Universitário da Canção entre Saraus e outras artes.

Bailarina desde os sete anos de idade, Laiane Paixão de 24 anos, integrante do grupo Arara Azul argumenta. “Estar nos festivais é uma troca de experiências, onde mostramos a nossa arte e vemos o que os bailarinos e companhias possuem de mais novo. Nem sempre os bailarinos do estado participam dos festivais nacionais, assim, os festivais regionais trazem a oportu-



Foto: Jr Cordeiros

Inclusão - Grupos de arte existentes em Campo Grande abrem oportunidades de expressão a jovens especiais

nidade de aproximar muitos dançarinos nossos com outros de varias regiões do país”.

Foto: Jr Cordeiros



Aprendizado - Artistas trocam experiência com integrantes de outras regiões

“Devemos valorizar muito nossos festivais, por serem oportunidades de crescimento e reconhecimento do nosso trabalho, no Brasil não é fácil viver da dança, por isso temos que dar o sangue quando temos a oportunidade de nos apresentar e mostrar para as pessoas o que adoramos fazer!”, afirma Diewry Patrick integrante do Grupo Funk-se (FNK), professor e pesquisador do Estilo Waacking.

Olhar a quantidade de festivais oferecidos à população nos dá um olhar de que está nascendo uma abertura para o espaço cultural dentro de MS. Jovens com Síndrome de Down são anunciados em aberturas de eventos, mostrando que a inclusão social está presente. Nos deparamos com um grupo de Dança Queer (do inglês Gay), no ícone diversidade, quebrando os paradigmas na dança de salão, com uma nova modalidade da dança a dois, com mais criatividade e liberdade de expressão, onde não há um condutor e uma conduzida, e sim a presença de dois homens ou duas mulheres juntas, ou até mesmo um homem sendo conduzido por uma mulher.

Gustavo Lourenço de 21 anos, dan-

ça na Ginga Cia de Dança e afirma “através destes festivais o público e até mesmo os bailarinos tem a oportunidade ver como anda a dança no Estado. Recentemente o festival abriu mais oportunidades para os grupos do interior mesclando nas noites as danças folclóricas, clássicas, street dance e contemporânea”. O jovem também comenta que “de alguns anos pra cá aumentaram os grupos com apresentações e o festival passou a ser mais concorrido. De certa forma, esta concorrência exige dos coreógrafos mais qualidade para seus trabalhos ganharem mais visibilidade”.

A cultura Sul-mato-grossense se faz rica em histórias folclóricas e danças típicas, mostrando que a arte veio para ficar, crescer, expandir e inovar. As diferenças só somam ao tamanho da riqueza cultural e deixa a certeza de que Mato Grosso Sul não é apenas um estado de riquezas naturais, mas também de belezas culturais, que nos faz sentir orgulho de nossos artistas regionais.